I ANNO AGOSTO DE 1882 N.º 8

A ARTE PORTUGUEZA

REVISTA MENSAL DE BELLAS-ARTES

PUBLICADA PELO

CENTRO ARTISTICO PORTUENSE

CONSELHO DE REDACÇÃO

PARTE ARTISTICA — **Thomaz Augusto Soller**, architecto; **Antonio Soares dos Reis**, esculptor;
João Marques da Silva Oliveira e **Antonio José da Costa**, pintores

PARTE LITTERARIA — **Joaquim de Vasconcellos** e **Manoel Maria Rodrigues**

PORTO
TYPOGRAPHIA OCCIDENTAL
66 — RUA DA FABRICA — 66

1882

ESTHETICA DO CORPO HUMANO

(Continuação)

Tendo estudado no seu conjuncto as dimensões do tronco vamos vêr em especial quaes as dimensões de cada um dos seus segmentos: thorax e abdomen.

O thorax situado entre a cavidade craneana e a abdominal, fórma pela sua constituição a transição entre ambos, participando da solidez da primeira e da mobilidade da segunda.

Já marcámos o seu limite superior. Inferiormente é limitado no plano abdominal por uma pequena depressão, que encobre o appendice xiphoidêo do sterno, e lateralmente por duas saliencias curvilineas divergentes, que se prolongam para baixo e para fóra. Estas saliencias de concavidade inferior e interna são formadas pela soldadura e continuidade das cartilagens que terminam a setima, oitava, nona e decima costellas, e recebem o nome de rebordos cartilagineos.

Alojando o apparelho cardio-pulmonar, tendo de se dilatar e deprimir alternativamente nos movimentos de inspiração e expiração esta cavidade exerce as funcções d'uma bomba aspirante-premente, e dá-nos a razão da sua estructura simultaneamente ossea, cartilaginea e muscular.

A sua fórma é a d'um cone comprimido de diante para traz, cuja base corresponde ao abdomen, e o vertice truncado á parte inferior do pescoço. Mas as espaduas encobrem esta fórma conica da cavidade.

Consideraremos no thorax dois diametros, o transverso que attinge a sua maxima extensão ao nivel das oitavas ou nonas costellas, e o antero-posterior que é maximo ao nivel da base do appendice xiphoidêo. Não nos occuparemos dos diametros verticaes posterior e anterior, porque não téem tanto interesse no nosso caso.

Sappey achou em 12 homens cuja estatura média era de 1^{m},62, para estes diametros as seguintes dimensões médias: diametro transverso 0^{m},276; diametro antero-posterior 0^{m},197. N'outros doze homens, cuja estatura média era de 1^{m},72, achou: diametro transverso 0^{m},281, diametro antero-posterior 0^{m},205.

As differenças d'estatura modificam algum tanto essas dimensões, como se vê, mas essa influencia pouco se faz sentir na capacidade do thorax a qual depende principalmente da extensão dos dois diametros que temos considerado, e que estão menos sujeitos a essa influencia do que os diametros verticaes, e cujas variantes tambem pouco influem na capacidade pulmonar. Mas deixemos esta questão que não tem aqui logar e notemos simplesmente que nas duas series de individuos a média do diametro transverso do thorax é de 28 centimetros e a do antero-posterior é de 20 centimetros, que o diametro antero-posterior é constantemente o menor e que o seu comprimento está para o do diametro transverso :: 4 : 3.

Sappey achou as seguintes médias em 12 mulheres, cujo peito offerecia uma conformação normal: diametro transverso 0^{m},246; diametro antero-posterior 0^{m},185.

Na mulher o maximo diametro antero-posterior não corresponde sempre á parte inferior do sterno; muitas vezes corresponde á parte média d'este osso, e mesmo nos casos em que o diametro, passando ao nivel da parte inferior do sterno, fôr o mais comprido, excederá os diametros que lhe ficam superiores em extensão menor do que no homem; por outras palavras: o sterno é menos obliquo no sexo feminino, e a parte superior do thorax comparativamente mais larga.

Esta disposição harmonisa-se com o modo de respiração mais habitual d'este sexo. Ha individuos que realisam a respiração pelo diaphragma, outros pelas costellas inferiores, e outros pelas superiores: d'aqui resultam tres typos respiratorios principaes: o typo abdominal, o costo-inferior e o costo-superior; o typo costo-superior é o que se observa mais frequentemente na mulher. Em geral é forçada a admittir este typo respiratorio nos ultimos periodos da gestação.

Eis as considerações feitas por Sappey, sob o ponto de vista artistico, ácerca d'esta disposição physiologica da mulher:

«Quando o maximo diametro antero-posterior corresponder á parte média do sterno, a parede anterior do thorax offerecerá uma especie de bôjo, que se coaduna perfeitissimamente em algumas mulheres com a fórma arredondada dos hombros, communicando a toda a metade superior do peito uma perfeição de contornos e uma belleza deslumbrante que não se encontra ordinariamente em identico gráu nas que téem o sterno mais ou menos achatado. Devo todavia accrescentar que estas vantagens da parte superior do thorax lhe são concedidas á custa da parte inferior; esta ultima apresenta-se um tanto deprimida e parece ter sido sacrificada á primeira. Tal modo de conformação não poderia portanto ser considerado como o mais bello. No entretanto é o que nos apresenta a Venus de Medicis, milagre da arte antiga, rival em celebridade do Apollo do Belvedere, e que realmente merece ser-lhe comparada pela sublimidade da concepção; mas o artista por um rasgo de genio trazendo-lhe o braço direito para diante do peito encobriu-lhe a parte defeituosa, e fez-lhe resaltar em plena luz a parte superior.

«Na Venus de Milo, o auctor deu preferencia ao modo de conformação mais vulgar e na realidade vantajoso. Achando-se todo o peito descoberto e illuminado por uma luz egual, era necessario que fosse irreprehensivel em todas as suas partes; effectivamente aquelle peito é d'uma belleza rara: buscar-se-ia em vão nos nossos museus um modelo mais perfeito das fórmas da mulher.

«A estatura e os diametros do peito n'uma e n'outra são:

Venus de Medicis. — Estatura 1^{m},64; diametro transverso 0^{m},245 ao nivel da nona costella; 0^{m},265 ao nivel da quarta costella; diametro antero-posterior 0^{m},190 na parte inferior do sterno, 0^{m},200 na parte média do sterno.

Venus de Milo. — Estatura 2^{m},03; diametro transverso 0^{m},350; diametro antero-posterior 0^{m},285.

«Pela comparação dos dois diametros horisontaes do thorax em cada uma d'estas estatuas, póde-se reconhecer que, na primeira o antero-posterior está para o transverso :: 3 : 4, e na segunda :: 4 : 5. Assim na Venus de Milo, os dois diametros differem entre si apenas um quinto, do que resulta uma configuração do thorax mais arredondada que a que se nota na Venus de Medicis. Dando ao talhe tanta rotundidade, a arte

foi, por assim dizer, até aos ultimos limites compativeis com uma boa conformação, sem comtudo ultrapassar esses limites.»

As dimensões da caixa thoraxica não téem só importancia sob o ponto de vista da esthetica. Da boa conformação do thorax está dependente a força organica do individuo e portanto a sua duração. Um peito largamente desenvolvido denuncia sempre pulmões volumosos, respiração potente, circulação rapida, nutrição activa, e grande desenvolvimento dos musculos; annuncia n'uma palavra, a plenitude da vida e o vigor da constituição: felizes privilegios que coincidem com a saliencia e rotundidade dos hombros, de modo que pelas dimensões d'estes podemos avaliar, á primeira vista, a amplidão do thorax.

Por todas estas razões a mensuração do thorax mereceu sempre a maior attenção dos physiologistas e pathologistas.

A caixa thoracica apresenta a sua maxima circumferencia ao nivel da parte média da nona costella e nos adultos attinge 80 a 84 centimetros, termo médio.

N'um peito bem conformado, o intervallo médio que separa os mamillos deve ser de $0^m,207$ na mulher e de $0^m,208$ no homem. Pode portanto ser considerado como egual em ambos os sexos e como equivalente a 21 centimetros, isto é a uma cabeça. A distancia, que separa cada um dos mamilllos da clavicula correspondente, tambem é egual; geralmente é de 14 centimetros, ou de 6 a 7 decimos de cabeça.

Por ultimo apresentaremos as dimensões obtidas por Gintrac. Estas dimensões foram recolhidas sobre quatro linhas differentes; as tres primeiras horisontaes, e a quarta vertical;

1.º No vertice do peito, circumferencia superior, passando a fita metrica por baixo das axillas;

2.º Na parte média, ao nivel dos mamillos;

3.º Na parte inferior, por diante do appendice xiphoidêo;

4.º No sentido da altura, fixando a fita por um lado no meio da clavicula, e por outro no bordo inferior da ultima costella, passando por cima do mamillo.

Procedendo d'este modo em 140 individuos bem conformados, achou as seguintes médias:

Circumferencia	superior . .	88	centimetros
»	mammaria .	84	»
»	inferior . .	80	»
Altura	. . . .	32	»

Gintrac que estudou este assumpto no sentido de investigar as relações que podem haver entre as dimensões do peito e a tuberculisação pulmonar, liga uma importancia capital ao intervallo intermammario, pois que a distancia entre ambos os mamillos representa exactamente a quarta parte da circumferencia mammaria offerecendo portanto um meio rapido e simples de avaliar a capacidade thoracica.

Terminaremos dizendo que das dimensões das differentes partes do corpo são estas cuja grandeza e relações mais importa conhecer não só pelo seu valor esthetico, mas tambem pela importancia real que tem sobre a saude e bem estar do individuo. Woillez estabelece o principio de que se devem levantar fórtes suspeitas sobre a aptidão physica dos individuos em quem o sterno sobresahir muito, e cuja configuração do thorax fôr tal que o diametro antero-posterior pareça mais extenso do que o diametro transversal.

Um individuo em taes condições pode ser muito approveitavel á sociedade e ter longa existencia n'um modo de vida regular e moderado, se porém seguir uma profissão que requeira força organica e energia consideraveis como é por exemplo o serviço militar, esse individuo será, como muito bem diz um nosso illustre medico castrensel [1] um *candidato a tisico*.

Este assumpto foi objecto d'assiduo estudo da parte de Hutchinson, Schneevogt, Hecht, Bonnet, Hirtz, etc., e os seus trabalhos são d'um alto valor scientifico.

(Continua).

PAIVA E PONA.

EXPOSIÇÃO DE BELLAS-ARTES

PROMOVIDA PELO

CENTRO ARTISTICO PORTUENSE

Um dos artigos do Estatuto porque se rege o Centro Artistico Portuense, determina a organisação annual de uma exposição-bazar de bellas-artes, á qual sejam admittidas as obras tanto de artistas nacionaes como estrangeiros.

O pensamento que predominou na redacção d'esse artigo foi não só contribuir para que de anno para anno se possa ir apreciando o nosso desenvolvimento artistico, como tambem estabelecer um bazar, onde ao passo que o gosto publico se vá educando, os artistas possam realisar a venda das suas obras, havendo por esta fórma um como mercado annual onde as pessoas de fortuna e de bom gosto façam as acquisições indispensaveis ao augmento das suas galerias.

A primeira exposição levada a effeito o anno passado pôde considerar-se um ensaio auspicioso, não só pelo numero de obras de arte que concorreram, como pelas vendas que se realisaram, e assim viu o Centro Artistico Portuense coroados de um exito assaz lisongeiro os esforços que envidou e que continua a pôr em pratica para satisfazer os intuitos da sua creação.

Não abundam entre nós os artistas em tão crescido numero, nem o meio em que labutamos é tão dilatado, que esses certamens possam ter um cunho excepcional de brilhantismo pela affluencia extraordinaria de obras de arte, e assim, desde que se consegue entre nós reunir uma certa quantidade de trabalhos, que mais pelo seu valor artistico do que pela sua quantidade merecem a attenção e o apreço dos entendidos, por satisfeita se deve dar a espectativa publica e por bem pagos se podem considerar os que dedicadamente se empenham na realisação de taes concursos.

O que seria para estimar, é que todos os nossos cultores de bellas-artes comprehendessem bem o alcance d'estas exposições e se compenetrassem intima-

---

1 Snr. Guilherme José Ennes — *Estudos de Clinica Militar*.

mente da utilidade d'ellas, ainda quando muitas vezes as suas obras não tenham uma venda tão rapida e lucrativa como nós proprios desejariamos.

E' com a continuação d'estes certamens, é com a persistencia na exhibição dos productos da arte, que o publico e mesmo muitas pessoas de fortuna se hão de vir a convencer um dia de que é mais agradavel possuir um unico quadro original e de merecimento, do que ter as paredes das suas salas cobertas de oleographias e de lithographias de um valor nullo e de um mau gosto flagrante.

A exposição do anno passado comprehendeu as artes industriaes, a archeologia e a litteratura de arte, mas como estas secções, depois do que já se tem exhibido, mais proprias se tornarão para futuro, de concursos especiaes, o certamen d'este anno limitar-se-ha unica e exclusivamente a productos da arte moderna, quer em architectura, esculptura, pintura e desenho, quer em gravura.

Para mais perfeito conhecimento dos leitores e dos artistas, transcrevemos em seguida, na sua integra, o programma da referida exposição.

MANOEL M. RODRGUES.

EXPOSIÇÃO-BAZAR DE BELLAS-ARTES EM 1882

Promovida pelo Centro Artistico Portuense no salão de Bellas-Artes do Palacio de Crystal do Porto

Abertura no dia 1 de novembro, encerramento no dia 3 de dezembro

«O Centro Artistico Portuense, em conformidade com uma das disposições do seu Estatuto promove no proximo mez de novembro no Palacio de Crystal a sua segunda Exposição Bazar de Bellas Artes, destinando-se este concurso unica e exclusivamente á exhibição dos productos da arte moderna nas seguintes especialidades:

Architectura — Projectos de construcções religiosas, civis e militares e restaurações.

Esculptura — Em marmore e outras materias, comprehendendo a Esculptura decorativa.

Pintura — Comprehendendo pintura decorativa.

Dezenho — Comprehendendo aguarella e pastel.

Gravura — Em medalhas, pedras finas, cobre, aço, a agua forte e em madeira.

Lithographia, *photographia*, *phototypia*, etc.

Condições propostas aos snrs. expositores

1.ª A exposição abrir-se-ha no dia 1 de novembro de 1882 e encerrar-se-ha no dia 3 de dezembro seguinte, sendo admittidos n'ella os trabalhos de artistas e amadores nacionaes e estrangeiros.

2.ª As obras de arte serão entregues desde o dia 1 a 21 de outubro inclusivé, na casa do Centro Artistico, e terminado esse praso não será acceite, sob pretexto algum, qualquer trabalho para a referida exposição.

§ unico Esta condição será mantida rigorosamente, como o será tambem a não acceitação de indicações sobre quaesquer obras que se pretenda enviar depois d'aquelle praso ou depois da Exposição aberta.

3.ª O transporte correrá por conta e risco dos expositores, respondendo unicamente o Centro Artistico pela custodia rigorosa das obras de arte confiadas á Exposição.

4.ª Das obras destinadas a venda, e effectuada esta, extrahir-se-ha uma percentagem para o Centro Artistico, a qual será:

De 5 por cento para os trabalhos dos socios do Centro Artistico.

E de 10 por cento para os dos expositores não associados.

5.ª Todas as vendas deverão effectuar-se por intermedio da direcção do mesmo Centro.

6.ª A admissão de todas as obras destinadas á Exposição ficará dependente do *veredictum* do respectivo jury de admissão.

7.ª O expositor deverá acompanhar a remessa das suas obras de uma nota exacta das suas dimensões, dos titulos que lhes deu, e no caso de as destinar á venda, da indicação do preço, conforme o modello, junto ao respetivo programma, formulado de modo a ser enviado á direcção do Centro, depois de preenchidos os respectivos dizeres.

8.ª Os expositores deverão retirar as suas obras da Exposição no praso maximo de 3 dias, depois de encerrada, não se responsabilisando por ellas o Centro, expirado que seja aquelle praso.»

Porto e Centro Artistico Portuense, 1 de setembro de 1882.

A DIRECÇÃO:

Joaquim de Vasconcellos, Presidente.
Antonio Cardoso e Silva, Vice-presidente.
Manoel M. Rodrigues, 1.º Secretario.
Ivo Silvestre Pinto da Gama, 2.º Secretario.
Jayme Augusto da Silva, Thesoureiro.

CONSELHO TECHNICO:

Antonio Soares dos Reis,
João Marques da Silva Oliveira,
Antonio José da Costa,
Thomaz Augusto Soller,
Custodio da Rocha,
Joaquim Augusto Marques Guimarães.

ARCHEOLOGIA

(QUESTÕES CELTICAS)

Reuniu ultimamente sob a presidencia do dr. Paulo Heger, a Sociedade de Anthropologia de Bruxellas, fazendo o snr. Vanderkindere uma communicação sobre a questão celtica.

Como julgamos de interesse para os archeologos a noticia que a respeito da mesma sessão publicou a *Indépendance Belge*, traduzimol-a em seguida:

«O que é a questão celtica? E' a questão de saber se na França primitiva havia duas raças: a raça celtica e a raça gauleza.

O testimunho mais antigo que possuimos data do VI seculo antes da nossa era. Os gregos conheciam então os celtas. Hécateu de Milet diz que Marselha é uma colonia ligura visinha do paiz dos celtas. Hero-

doto e muitos outros historiadores assignalam a sua existencia em differentes partes da Europa. Aristoteles tambem faz menção dos celtas. Reunindo todos estes testimunhos vê-se que havia celtas no valle do Danubio, na Galia, no norte da Italia, na Hespanha e nas ilhas britanicas.

Engrandecendo depois o seu imperio, encontramol-os na margem do Adriatico, vemol-os enviar uma embaixada a Alexandre, descer á Thracia e á Grecia, e tomar parte no saque do templo de Delphos, etc.

Pelo anno 280 antes da nossa era, os celtas occupavam na Europa uma extensão de territorio maior que os outros povos, porém a sua prosperidade não durou, acabando por não occupar senão as ilhas britanicas.

Na idade média a Grã-Bretanha foi a seu turno invadida por populações de raça germanica, pelos anglo-saxonios e depois pelos normandos.

Os romanos chamavam *galli* aos celtas. A palavra celta era derivada da lingua d'estes povos, *qui ipsorum lingua celtœ, nostra Galli appellantur.*

O snr. Vanderkindere calcula que as differenças de nomes não implicam differenças ethnicas. Os germanos chamavam-lhes deutsch, os latinos chamavam-lhes germani, os francezes allemães, os italianos tudesci. O povo é muitas vezes chamado pelo seu visinho pelo nome da tribu mais proxima. Os allemães eram a tribu germanica mais visinha da França.

Este povo celta possuiria uma unidade real? E'-o attestado pela sua lingua, a lingua aryana. Foram os celtas os primeiros que chegaram á Europa d'essa turma aryana.

O conferente apresentou, a proposito da questão phylologica, algumas observações interessantes. Os celtas fizeram desapparecer o *p* do idioma primitivo, o que não fizeram outras linguas. E' por este modo que *pater*, pae, se diz em irlandez, *atyr*.

As linguas derivadas do celtico ficaram naturalmente longe de permanecer puras. Dividem-se ellas em dous grupos: as linguas neo-celticas, o irlandez, o escocez e o manxe; no segundo grupo, a lingua do paiz de Galles, a de Cornouailles, o cornico. (A ultima mulher que fallava o cornico morreu ha uns vinte annos; tem-se fallado em erguer-lhe um monumento).

Todos os povos celtas fallavam a mesma lingua e entre todos elles havia instituições similares. Recentemente encontraram-se as antigas leis irlandezas, e comparando-as com as instituições indus, um erudito inglez achou pontos de aproximação muito curiosos.

O que se torna caracteristico entre os celtas é a existencia dos *clans*, analogos ás *gentes* romanas. Encontram sé nos celtas os principios que dominavam nos germanos com relação ás reparações judiciarias.

A religião dos celtas offerece ainda muitas relações com a mythologia aryana; são personificações inconscientes das grandes forças da natureza. Isso assimila-se de tal modo á mythologia grega e latina que Cezar julgou encontrar na Galia a mesma religião que em Roma.

Appollo usava differentes nomes e curava as doenças; muitas localidades thermaes eram consagradas a Appollo.

O typo celtico é sensivelmente descripto do mesmo modo por todos os historiadores, qualquer que fosse a tribu de que se occupassem. Os gaulezes téem os cabellos louros, os olhos azues claros e são de uma estatura elevada. Porque é que o typo actual francez se parece tão pouco com este retrato? Os snrs. Henri Martin e de Belloquet crêem que havia em França uma raça primitiva que foi submettida pelos celtas e que depois alcançou a superioridade.

As ideias do snr. Vanderkindere foram combatidas pelos drs. Yseux, Houzé e Jacques. Os romanos, disse este ultimo, deram o nome de celtas a todos os povos do outro lado dos Alpes. E' tambem a opinião expressa pelo snr. Bertrand na *Revista de anthropologia.* Sob o nome de celtas, Broca não comprehendia senão os saboyanos, os auvernhezes e os bretões, povos que longe de ser altos e louros, são baixos e trigueiros e téem o craneo brachicéphalo. Os outros considera-os como germanos.

O professor Philipson não concorda com esta theze e compartilha da maneira de vêr de Vanderkindere.

Na sessão precedente a Sociedade recebera uma communicação do dr. Houzé, ácerca do craneo das nossas populações. O snr. Houzé estudou nas casernas 800 typos differentes.

Resulta das suas investigações que a raça flamenga que se liga ao tronco germanico, accusa uma protuberancia occipital mais accentuada que a raça wallona, apparentada ao tronco celtico. Emquanto que a primeira tem por signaes caracteristicos os cabellos louros e os olhos azues claros, a segunda offerece como signaes distinctivos os olhos pardos e os cabellos escuros».

DESENHOS

JOSÉ DE SOUZA

Retrato desenhado de photographia por Marques de Oliveira

A *Arte Portugueza* presta hoje um tributo de saudade indelevel á memoria de José de Souza, collocando o seu retrato no pequeno Pantheon que edificou nas suas paginas para todos os artistas, que partindo-se d'este mundo, deixaram assignalada a sua existencia por trabalhos reveladores de uma aptidão louvavel. A esse retrato juntamos alguns dados biographicos que na simplicidade das suas minudencias pódem ainda assim definir e caracterisar bem aquella organisação artistica, que a posteridade deve reverenciar como o prototypo do trabalho.

José de Souza nasceu em Aveiro a 14 de fevereiro de 1842, sendo filho de Antonio José de Souza e de D. Marianna Joaquina de Souza. A falta de meios não lhe permittiu obter desde o principio uma educação que o habilitasse a desenvolver os recursos de engenho e de intelligencia que começára a patentear nos primeiros annos, porém em compensação seus paes inocularam n'elle os principios de honestidade e de amor ao trabalho que formam o verdadeiro homem de bem.

Desde creança revelára elle tendencias muito pronunciadas para as artes, chegando a construir uma pequena carruagem e até a produzir as ferramentas com que teve de fabricar as diversas peças que a compu-

nham, dando com estes e outros brinquedos uma prova frisante do seu engenho precoce.

Como a fortuna lhe era pouco propicia na sua terra natal veio para o Porto onde esteve empregado por algum tempo na typographia do snr. Anselmo de Moraes, estabelecendo-se depois com uma officina da mesma natureza, de sociedade com o snr. Adolpho Coelho. Mais tarde, tendo feito alguns ensaios felizes em gravura, dedicou-se a essa arte, passando a typographia e foi então que começou verdadeiramente a sua vida de artista.

Sem principios nem uma educação technica que lhe auxiliasse a vocação, supriram n'elle a falta de taes elementos, uma força de vontade e uma intelligencia que em breve se revelaram por trabalhos que lhe tornaram o nome conhecido e apreciado.

A primeira medalha que gravou, foi a da Exposição de aves do Palacio de Crystal, e essa tentativa feliz secundou-se por outras producções identicas, entre as quaes se assignala como uma das mais perfeitas e distinctas a medalha que fez por occasião do centenario de Camões.

O exito que essa medalha obteve e os louvores que mereceu das pessoas mais competentes auguravam a José de Souza um dos primeiros logares entre os gravadores portuguezes, logar que sem duvida teria alcançado se a morte não viesse tão cedo aniquilar-lhe os esforços e o talento.

A commissão promotora do monumento a José Estevão, em Aveiro, encarregára-o da medalha commemorativa d'essa homenagem prestada ao eminente tribuno, e comquanto já adiantada, o artista não pôde comtudo concluil-a, o que foi uma das maiores maguas que lhe entristeceram os ultimos dias da existencia.

Dizia elle muitas vezes: — «Sei que morro e a pena que me resta é não poder terminar a medalha de José Estevão».

E justificado era o seu pezar, porque essa medalha, de que damos uma reproducção, denota os progressos que o artista fazia de dia para dia e para os quaes muito contribuiam os seus estudos de dezenho no *atelier* do Centro Artistico que frequentou sempre com notavel aproveitamento.

Fôra um dos socios instaladores d'esse gremio, a que dedicava verdadeira affeição pelas luzes que n'elle recebia e fez parte da sua direcção na qualidade de thesoureiro.

No vigor da idade, de uma organisação robusta e de habitos simples e morigerados, uma affecção pulmonar arrebatou-o d'este mundo em pouco mais de um anno.

José de Souza reunia a qualidades apreciaveis de caracter e de coração uma modestia que mais lhe faziam realçar os merecimentos. Activo e infatigavel nos esforços que cada dia empregava para alcançar uma reputação venerada na arte, viu bem cedo apagar-se-lhe a luz da estrella que refulgia no firmamento do seu futuro laborioso.

Sobre a campa modesta que encerra o seu cadaver, depomos penalisados as perpetuas da nossa eterna saudade.

Junto ao retrato de José de Souza acha-se reproduzida, segundo um dezenho de Thomaz Costa, a medalha, que não chegou a concluir, commemorativa do monumento que vae erguer-se em Aveiro ao eloquente parlamentar José Estevão.

MANOEL M. RODRIGUES.

NOÉ AMALDIÇOANDO SEU FILHO CHAM

Quadro de Marques Guimarães, croquis do author

Este quadro constitue o exame do 5.º anno de pintura do snr. Marques Guimarães, que acaba de concluir o seu curso na Academia Portuense de Bellas Artes com aproveitamento distincto.

A composição de que se tracta mereceu a classificação de digna de elogio, obtendo por isso dezesete valores.

MANOEL M. RODRIGUES.

A TIGELLA PARTIDA

Quadro de Silva Porto, desenho de Custodio da Rocha.

Pertence á Academia Portuense de bellas-artes este gracioso quadro de Silva Porto, tendo sido uma das remessas d'aquelle artista quando, como pensionario do estado, estudava em Roma.

O assumpto está claramente definido. Uma rapariguinha dos arredores de Roma deixou por descuido cahir a pequena escudella, e no sobresalto angustioso do primeiro momento ficou como fulminada, mal contendo as lagrimas que estão prestes a burbulhar-lhe nas palpebras. Faz pena a pequenita e ao reparar-lhe no rosto entristecido, e nos cacos que lhe ficaram aos pés, dá vontade á gente de reparar o desastre com alguma moeda que a compense do susto e a livre da correcção que a espera em casa.

Este quadro esteve na exposição universal de Pariz de 1878, e na ultima da Sociedade Promotora de Lisboa.

MANOEL M. RODRIGUES.

ANTIGUIDADES DE GUIMARÃES E VIZELLA

Croquis de Soares dos Reis

N'este conjuncto de curiosidades archeologicas, que constituem copias de apontamentos de carteira do snr. Soares dos Reis, distingue-se em primeiro lugar o martello de ferro, da porta do historico Castello de Guimarães.

E' notavel esse martello pelas suas dimensões, pois mede meio metro de comprido. A sua fabricação remonta ao 16.º seculo, como bem o demonstram os ornatos abertos a ponção e que se encontram a miudo nas ferragens d'aquella epoca.

Junto ao dezenho do martello vê-se indicada a fórma da ornamentação que se acha repetida n'aquelle exemplar de serralheria de 1500.

A janella em seguida reproduzida, pertence á parte das ruinas dos antigos paços dos Duques de Bragança, de Guimarães, que olha para o lado da capella de Santa Margarida.

E' de granito essa janella e apresenta um specimem curioso e pouco vulgar, entre nós, da architectura civil da idade média.

O edificio ameiado que se vê no alto da pagina é a graciosa capella da Senhora da Tocha, mais vulgarmente conhecida pelos povos da localidade, por capella da Santa Capelluda, situada nas proximidades das Caldas de Vizella.

Ergue-se esse pequeno templo de architectura gothica em um monte não muito distante da egreja parochial de Santo Adrião de Vizella, e apesar da sua extrema simplicidade possue alguns detalhes interessantes.

Muitas das ameias que coroam o edificio são ornamentadas e d'essa ornamentação vão reproduzidos, mais abaixo do dezenho, dous exemplos dos mais curiosos.

No interior da capella existe ainda uma grade de ferro, de estylo gothico, de fórma simples e que felizmente tem sido poupada ás profanações que téem desfigurado tantas e tão bellas construcções religiosas antigas, e de que o pequeno edificio de que se trata, não foi já isento em parte.

Que o conservem comtudo tal qual está, e que novas obras de reparação não venham ainda um dia a tirar-lhe completamente o caracter da sua architectura.

MANOEL M. RODRIGUES.

CONFERENCIAS

SOBRE A

EXPOSIÇÃO DA ARTE ORNAMENTAL

PELO SNR.

JOAQUIM DE VASCONCELLOS

A oitava conferencia, que se realisou no dia 12 de julho, teve por assumpto *A industria ceramica (oleira) e do vidro; esmaltes na Exposição.*

O conferente fez sentir a necessidade de dividir a materia da ultima secção (esmaltes) pela conferencia que ia fazer e pela immediata (metaes), por isso que o esmalte se applicava tanto á materia ceramica como á materia metallica.

Em seguida começou por demonstrar a intima relação da industria textil e da ceramica pelos typos ornamentaes, e o modo e a razão por que n'esta ultima se haviam conservado os typos artisticos mais archaicos da industria textil; os exemplares tinham desapparecido, mas o padrão ficára na ceramica; esta ligação historica e esthetica, que o conferente enunciára na sexta conferencia sobre a industria textil, foi demonstrada com o auxilio de uma serie de estampas caracteristicas, que representavam um intervallo de mais de 2:500 annos começando nos typos assyrios das ruinas de Khorsabad, Kouyounjik, tumulo de Midas, etc., até aos typos arabes da Peninsula em Granada, Sevilha (Alcazar e Casa de Pilatos) etc.; em todas essas estampas os padrões de antigos tapetes perdidos eram visiveis no azulejo.

O artista oriental foi levado a esta transportação de typos por varios motivos: as condições do clima, o aceio, a economia, a vantagem da maior duração, alliada a maior fausto, a necessidade de cobrir grandes superficies muraes com uma ornamentação permanente e resistente á acção da atmosphera.

Os tapetes com que o oriental cobria os muros das suas casas em dias de festa não satisfaziam as condições indicadas. Os seus palacios eram nus vistos de fóra; era mister vestil-os em dias de gala, e em regiões onde o marmore era raro; recorria-se naturalmente ao barro, ao tijolo vidrado e colorido, ao azulejo. Citou como por exemplo a Alhambra, palacio modesto, sem caracter exterior notavel, como se via pelas photographias, mas deslumbrante, feerico, no interior; dentro das quatro paredes accumulava o artista arabe todos os prodigios da sua incomparavel arte *decorativa* escondendo ciosamente esses esplendores, que eram apenas vistos pela mulher amada, que elle occultava com egual ciume das vistas profanas. O mesmo na mesquita, no seu templo; apenas o *minaret* se erguia como signal visivel, externo do culto.

Se é certo que não foi o oleiro arabe que ensinou ao habitante da Peninsula a arte de trabalhar no barro, não é menos certo que foi elle quem fecundou a sua ornamentação, e deu cunho original á ceramica peninsular desde o seculo X até ao seculo XVI, e mesmo até hoje em certos e determinados typos tradicionaes.

A ceramica peninsular antes dos arabes seguiu simplesmente os typos romanos mais ou menos bem imitados, (olaria de Sagunto).

O conferente fez notar que os exemplares romanos e de transicção ainda não estão devidamente classificados, apesar dos trabalhos muito notaveis hespanhoes e estrangeiros, que remontam até ao fim do seculo passado.

Alludiu á classificação do Conde de Lumiares, aos trabalhos do professor Hubner, ás descobertas do snr. Sarmento em Citania, e á discussão sustentada por este archeologo com o sur. Henri Martin e outros a proposito dos typos de Citania e Sabroso, que elle, conferente, tambem encontrou na região da Serra da Estrella em 1881. De passagem fez notar a relação d'esses typos com outras descobertas pelo snr. Schliemann na Asia Menor, relação que o snr. Sarmento já notára antes.

Varias estampas serviram para elucidar a referencia, notando-se entre ellas, por ex., um typo da ornamentação parecido com o da *pedra formosa* de Citania. Em outras estampas apresentou os typos de Chypre, publicados pelo snr. Cesnola, que estabelecem a relação entre os typos archaicos gregos e typos egypcios e assyrios; finalmente, n'outras, viam-se os typos das estações prehistoricas da Europa central e dos paizes do Norte, que ainda téem grande importancia para o estudo dos typos prehistoricos peninsulares, quanto á fórma e quanto á ornamentação, na epoca pre-romana.

De todas essas ornamentações, de todas essas fórmas pouco resta; a arte arabe absorveu tudo, modificando até as fórmas greco-romanas tão preponderantes em toda a parte.

O orador fallou primeiro do azulejo e depois dos vasos arabes.

Os azulejos mais antigos, que são os exemplares feitos de mosaico, não remontam além do seculo X; são muito raros em toda a parte, até mesmo em Hespanha. Depois fizeram o azulejo de chapa inteira, em

logar do mosaico, mas com o mesmo desenho geometrico; á proporção que se avança do seculo xv para o xvi, o elemento vegetal prevalece, ficando reduzido o desenho geometrico a um simples caixilho que emmoldura a planta, depois no seculo xvi apparece a figura humana, predominando em grandes composições tiradas da historia sagrada ou da mythologia; o azulejo sahe do seu logar modesto como *alizar* (revestimento do terço inferior da parede e cobre toda a superficie mural), estendendo-se em grandes quadros, e occupando o logar que nos seculos anteriores pertencera aos pannos de raz. Geralmente attribuia-se em Portugal aos antigos azulejos datas erroneas, suppondo sempre ser cousa muito antiga. Os azulejos de Alhambra, por exemplo, não vão em geral além do seculo xiv, mesmo porque o palacio é relativamente moderno, começado no meado do seculo xiii; o Alcazar de Sevilha é do meado do seculo xvi, a casa de Pilatos da mesma cidade do fim do seculo xv para o seculo xvi.

Em Portugal são rarissimos os azulejos anteriores ao seculo xv. Ha-os na Sé Velha em Coimbra. Os mais antigos do palacio real de Cintra que são nobilissimos não irão além do meado do seculo xv; abundam alli os do seculo xvi, que imitam typos archaicos. São frequentes em toda a parte os azulejos dos seculos xvii e xviii. Só os não ha na Exposição, onde apenas souberam reunir umas mesquinhas amostras dos typos do seculo xvi, quando se podia ter reunido uma collecção magnifica n'esta especialidade, que serviria, mais que nenhuma outra da Exposição para demonstrar, em pequeno espaço *todos os typos ornamentaes* desde o seculo xiii até ao xviii. Bastava que a commissão tivesse reunido só a collecção do snr. Nepomuceno, sem duvida a primeira do paiz, e talvez da peninsula, no genero azulejo.

O conferente extranhou que não tivesse sido chamado a fazer parte da commissão uma pessoa tão entendida n'este assumpto, como era o snr. Nepomuceno, o qual tinha prestado notaveis serviços nas obras de conservação do celebre mosteiro da Madre de Deus, e tinha alli organisado um muzeu de ceramica nacional muito notavel, o qual foi depois roubado por quem quiz; o mesmo cavalheiro salvára o relicario da rainha D. Leonor, que já tinha sahido do convento por abuso das religiosas e fraude de terceiro. Bastava notar este facto para avaliar as vistas mesquinhas, a falta de criterio e de sciencia das cabeças que influiram na nomeação da commissão.

A secção de azulejos da Exposição era simplesmente uma miseria, havendo os notabilissimos da Madre de Deus do seculo xvii feitos sobre cartões de Rubens ou da sua escola, havendo os não menos notaveis de primeira ordem, da egreja de S. João Evangelista de Evora do seculo xviii, e assignados por um portuguez Antonio de Oliveira; havendo os de Queluz, deliciosos typos do fim do seculo passado, que revestiam ainda ha cinco annos os alegretes do jardim do palacio; havendo abundancia, variedade, exemplares bem conservados que podiam ter sido desenhados e coloridos em grande escala para a sala. E onde faziam melhor figura e melhor serviço do que os quadros que alli e em outras salas foram amontoados sem criterio, como se a enorme confusão dos objectos das vitrines não fosse sufficiente!

Alludindo á secção de porcelana na Exposição, pediu o conferente para que o dispensassem de passar em revista essa immensa *chinoiserie*, que entulhava a sala com centenas de objectos, que não téem valor algum como typos artisticos e quasi nenhuma significação historica, a não ser a do objecto ser encommendado por algum fidalgo ou *parvenu* antigo ou moderno áos mercadores, não sendo uma parte dos objectos nem mesmo chinezes, mas sim imitações hollandezas, flamengas, allemãs e francezas, porque nós nem já á India iamos, nem a possuiamos quando a maior parte d'essa *chinoiserie* veio para Portugal.

Ainda menor importancia tinham parã nós os objectos de Saxe, a porcelana ingleza, hollandeza e franceza; apenas a primeira e ultima tinham valor para a Hespanha que aprendeu a trabalhar n'esses typos. As imitações de Talavera em *Fayença* pelos typos italianos e francezes, depois da divisão da industria hespanhola no seculo xvi em duas correntes, — a da tradicção mosarabe (que nunca se extinguiu,) e a da imitação europêa, — attingiram um elevado grau de perfeição, bem como as imitações dos typos francezes, inglezes e allemães pelas fabricas de porcelana de Alcora e Buen Retiro. Isso sim, isso era arte notavel de imitação; o *Rato* era apenas um *ratinho* muito modesto; a sua fayença tinha uma modelação deficiente, uma vidragem fraca, cobarde, uma polychromia muito pobre com côres monotonas, que o conferente analysou. A industria não teve tempo de crescer, não teve alimento e protecção sufficiente; a importação de Hespanha destruia já no seculo xvii toda a concorrencia. O ensino theorico, mesmo, só no principio d'este seculo é que appareceu. A invasão franceza cortou novamente o fio, e até hoje ninguem mais se lembrou d'esse ensino, d'esses compendios portuguezes, aliás muito notaveis para a epoca em que foram feitos (1806-1808) e ainda hoje estimaveis.

Essas obras, os tratados, em geral excellentes, de Velloso Xavier, Pereira da Silva, Manso Pereira para a louça de barro, para a louça vidrada, fayença franceza, de Saxe e de Inglaterra, estavam tão esquecidos como a obra não menos notavel, de 1724, de João Stooter sobre os vernizes, a de Guiral e Pacheco sobre as ligas dos metaes no seculo anterior, e as de duas duzias de outros autores sobre technologia, que escreveram em portuguez e que ninguem estuda, que ninguem lê, servindo-se o operario, quando muito, de miseraveis compilações d'esses livros theoricos do seculo xvii e xviii, feitos por algum livreiro mais esperto dos nossos dias. E como hade o operario ter conhecimento d'essas obras, se na exposição ninguem pensou nos livros de ensino! Se ninguem expoz, ao menos, os tratados portuguezes? Como querem então que o operario aprenda? Pelos exemplares, pelo cahos, que se via nas Janellas Verdes, onde a propria commissão classifica hoje como sendo do seculo xiv aquillo que hontem era do seculo xii, torna-se isso impossivel; aprender n'estas condições com semelhantes guias, que a cada passo promovem a confusão com essas ideias, que apparecem ao acaso, e que se vão embora com a mesma semceremonia com que se apresentam, aprender assim é impossivel, repetimos.

(*Continúa*).

CHRONICA

Em conferencia da Academia Portuense de Bellas Artes, foi approvado por unanimidade o unico candidato ao concurso para preenchimento da cadeira de dezenho historico da referida Academia, o snr. João Marques da Silva Oliveira, professor interino da mesma cadeira que acaba de ser promovido officialmente á effectividade d'esse lugar.

Os nossos parabens ao agraciado e á Academia por contar entre os seus membros mais um artista emerito.

— O resultado dos exames feitos ultimamente na Academia Portuense de Bellas Artes foi o seguinte:

Desenho historico: — 5.º anno — Rodrigo Soares 11 valores; e Manuel Antunes da Costa Guimarães, 10.

4.º anno — Serafim de Souza Neves, 14 valores.

2.º anno — Arnaldo Redondo Adães Bermudes, 15 valores; Eduardo Augusto Ferreira de Moura, 10; Manoel Rodrigues da Capella, 11; Joaquim Antonio de Novaes Junior, 10; e José Pinto Ferreira, 11.

1.º anno — Antonio Peres Dias Guimarães, 10 valores; Benjamim Alves Velludo, 11; Jorge Henrique Gomes, 10; José de Almeida e Silva, 16 no 1.º anno e 15 no 2.º; Augusto Luiz de Freitas, 10; Miguel Ventura Terra, 14 no 1.º anno e 12 no 2.º; e D. Christina Amelia Machado, 16 no 1.º anno e 12 no 2.º

Charles Cousin, apresentou uma academia desenhada pelo modelo vivo, e foi considerado apto para ser admittido á matricula do primeiro anno de pintura historica.

Pintura historica — 5.º anno — Joaquim Augusto Marques Guimarães, 17 valores; e Antonio Molarinho da Costa Ramos, 12.

4.º anno — Joël da Silva Pereira, 12 valores; Adolpho Nunes, 14; e Francisco Aguiar dos Santos, 15.

2.º anno — João Augusto Ribeiro, 10 valores.

1.º anno — João José Nogueira, 11 valores.

Esculptura — 4.º anno — Joaquim Augusto Marques Guimarães, 17 valores.

3.º anno — Serafim de Souza Neves, 16 valores.

1.º anno — Thomaz Figueiredo de Araujo Costa, 15 valores no 1.º anno e 16 no 2.º; e Antonio Alves Pinto, 10.

Architectura — 4.º anno — Serafim de Souza Neves, 16 valores; Manoel Antunes da Costa Guimarães, 17.

3.º anno — Joaquim Pereira Lopes, 12 valores; e Julio da Silva Vaz, 14.

2.º anno — Antonio Peres Dias Guimarães, 14 valores; Arnaldo Redondo Adães Bermudes, 17; Benjamim Alves Velludo, 12; Manoel Maria Pinto dos Santos, 14; Manoel Rodrigues da Capella, 12; Joaquim Antonio de Novaes Junior, 15; Augusto do Amaral Semblano, 16; e Francisco Manoel de Oliveira Carvalho, 17.

1.º anno — Alfredo Vieira Ferreira, 10 valores; Francisco José Rodrigues Junior, 12; Francisco Pinto de Castro, 12 no 1.º anno e 10 no 2.º; Francisco da Silva Reis, 14 no 1.º anno e 10 no 2.º; Miguel Ventura Terra, 14 no 1.º anno e 10 no 2.º; e José de Almeida e Silva, 16.

Obrigados para o curso de engenheria — Saturnino de Barros Leal, 12 valores; José Maria Pinto Camello, 10; Theophilo Leal de Faria, 10.

Perspectiva — Joël da Silva Pereira, 18 valores.

Em conferencia geral de 30 de agosto de 1870 resolveu-se que o valor n.º 10 fosse o minimo para a approvação simples; o n.º 16 o minimo para digno de elogio; o n.º 18 o minimo para digno de louvor ou de premio, havendo-o; e que o n.º 20 fosse o maximo dos valores.

— Acham-se já collocados nas galerias de esculptura do museu do Luxemburgo alguns dos novos trabalhos adquiridos pelo governo francez no ultimo Salão.

São elles o *Ninho*, de Croisy; a *Idade de ferro*, de Lanson; *Salammbô*, de Idrac; *Suzana*, de Marqueste.

— A Academia Raphael, de Urbino, acaba de organisar uma commissão sob o patrocinio do principe Humberto, para promover as subscripções destinadas a elevar um monumento ao illustre pintor, na sua terra natal.

As circulares da Academia Raphael, a que estão juntas as folhas da subscripção, explicam que as despezas calculadas para o monumento projectado elevam-se a 80:000 liras, o maximo. Para reunir esta somma, as circulares são dirigidas a todas as pessoas que na Europa se interessam pela gloria do *divino pittore*, como dizem os academicos de Urbino.

O monumento consistirá em uma estatua que será executada em marmore de Carrara e erecta em uma praça de Urbino.

O concurso destinado á escolha do melhor modelo está já aberto, compondo-se o jury de julgamento, de diversas corporações scientificas e artisticas de Italia.

O author do projecto classificado em primeiro lugar receberá 1:500 francos; o author do classificado em segundo, 1:000 francos; e do terceiro 500 francos.

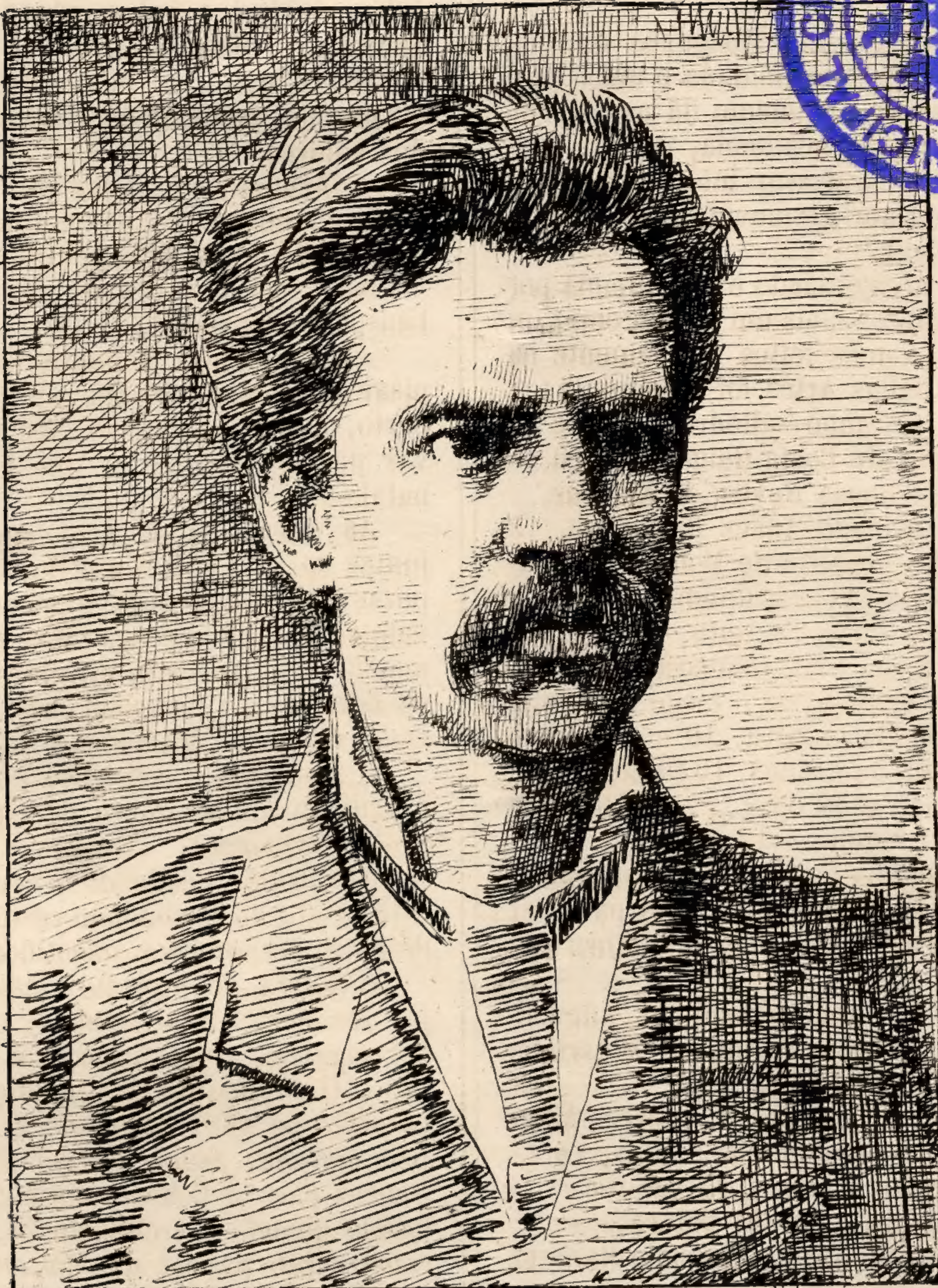
— O dyptico do sr. Guillaume Dubufe que figurou no salão de 1882 intitulado a *Musica profana e a Musica sagrada*, acaba de ser comprado pelo governo francez para o Conservatorio de Pariz, onde será collocado quando o architecto Ch. Garnier terminar a reconstrucção parcial que foi encarregado de executar.

— Henrique Lehmann, fallecido ha pouco em Pariz, estabeleceu um premio trienal de 3:600 francos destinado ao pintor que não tenha mais de 25 annos de idade, e que haja executado no intervallo dos tres annos precedentes, um trabalho (quadro ou cartão acabado) que pela escolha do assumpto, pela composição, pelo estylo e pela execução, *proteste o mais eloquentemente possivel contra a degradação da arte, que as doutrinas preconisadas hoje parecem favorecer*.

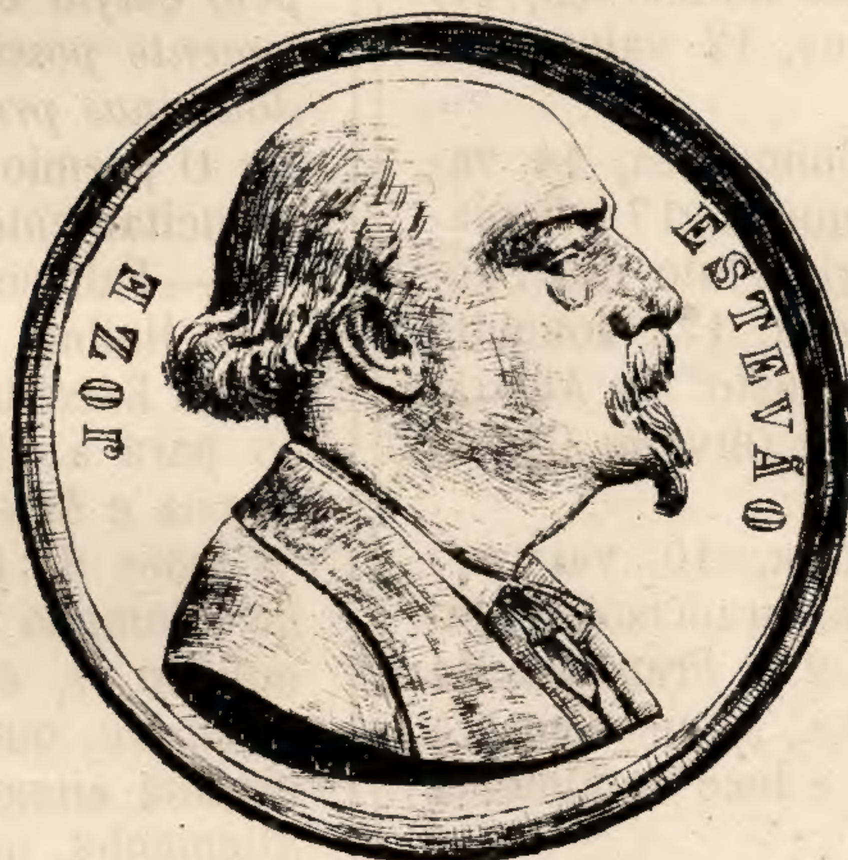
O premio terá por titulo: «Premio Lehmann, para o encitamento dos bons estudos classicos».

— Falleceu em Munich um esculptor de talento, Jean Hulbig, nascido em 13 de julho de 1814 na Baviera. Executára muitas encommendas importantes não só para a Allemanha, como tambem para a Austria, Russia e America. As suas obras mais conhecidas são: os leões do jardim real de Munich, os leões do arco de triumpho da mesma cidade, a estatua do rei Maximiliano II, em Lindau, um grupo de banhistas, em marmore, que está em New-York, a America do Norte, estatua allegorica, e muitos monumentos funebres na Allemanha, na Belgica e na Russia. A sua obra mais consideravel é o formoso grupo a «Collocação na Cruz», que se admira em Oberammergan.

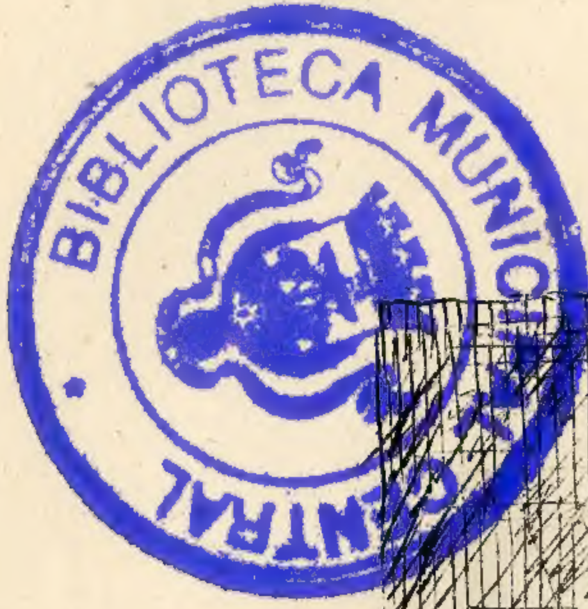
Manoel M. Rodrigues.



Retrato de José de Souza — Desenho de Marques d'Oliveira



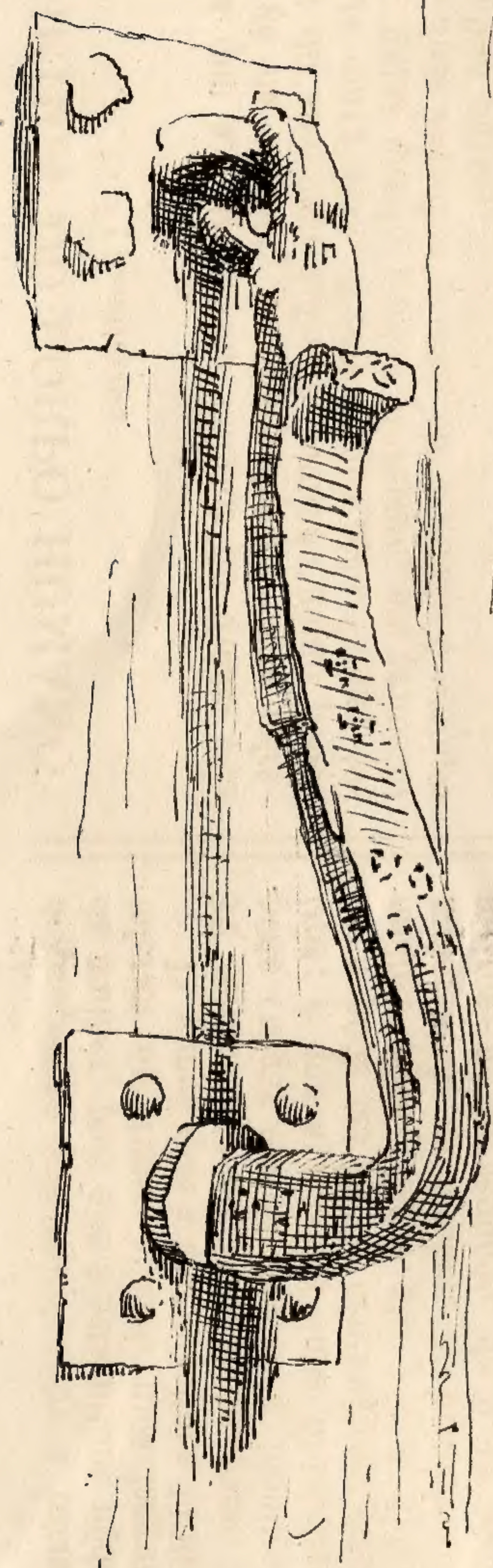
Medalha gravada por José de Souza — Desenho de Thomaz Costa

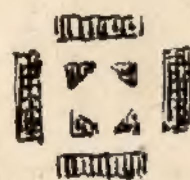


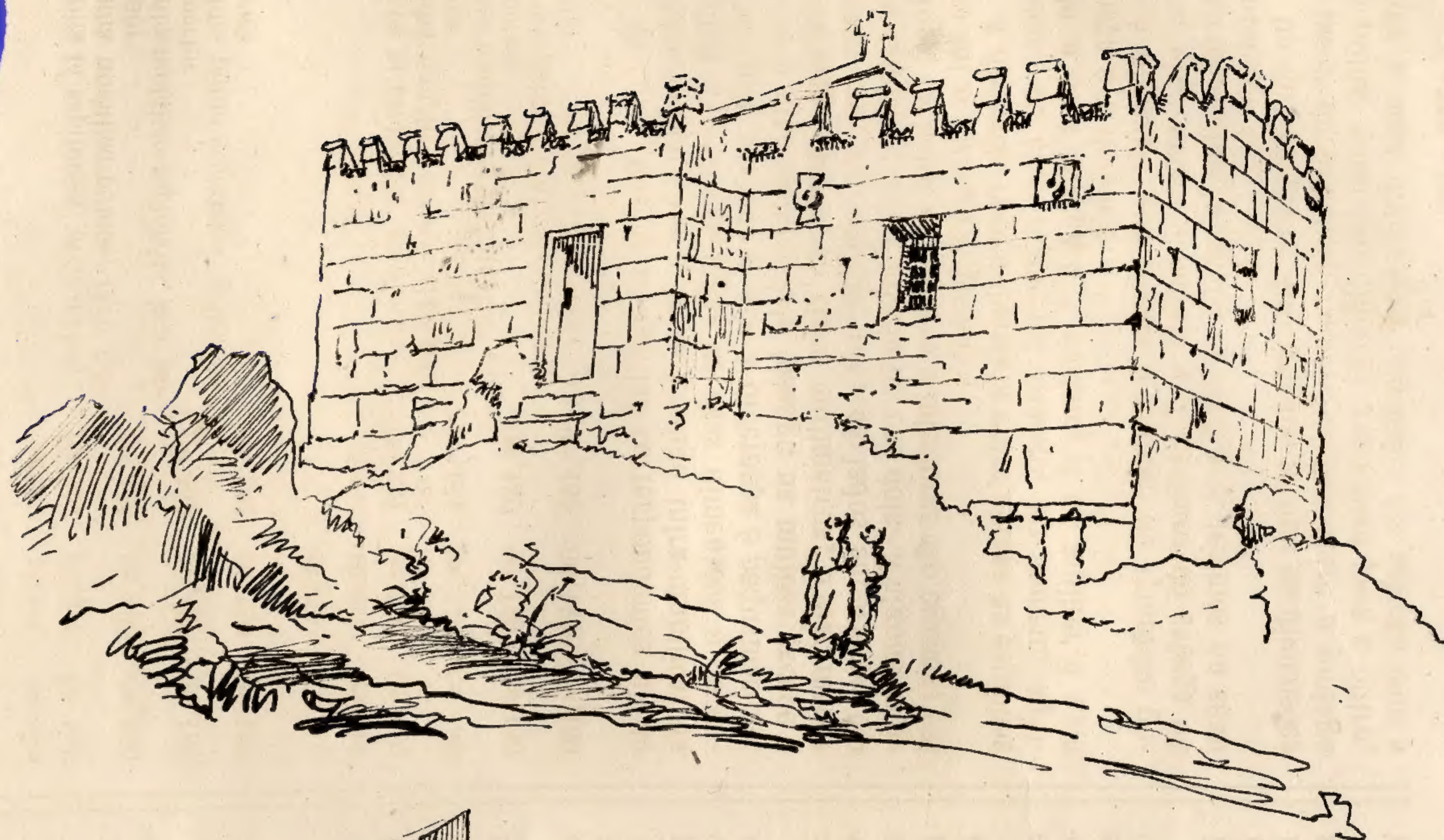
Noé amaldiçoando seu filho Cham — Quadro de Marques Guimarães, croquis do auctor

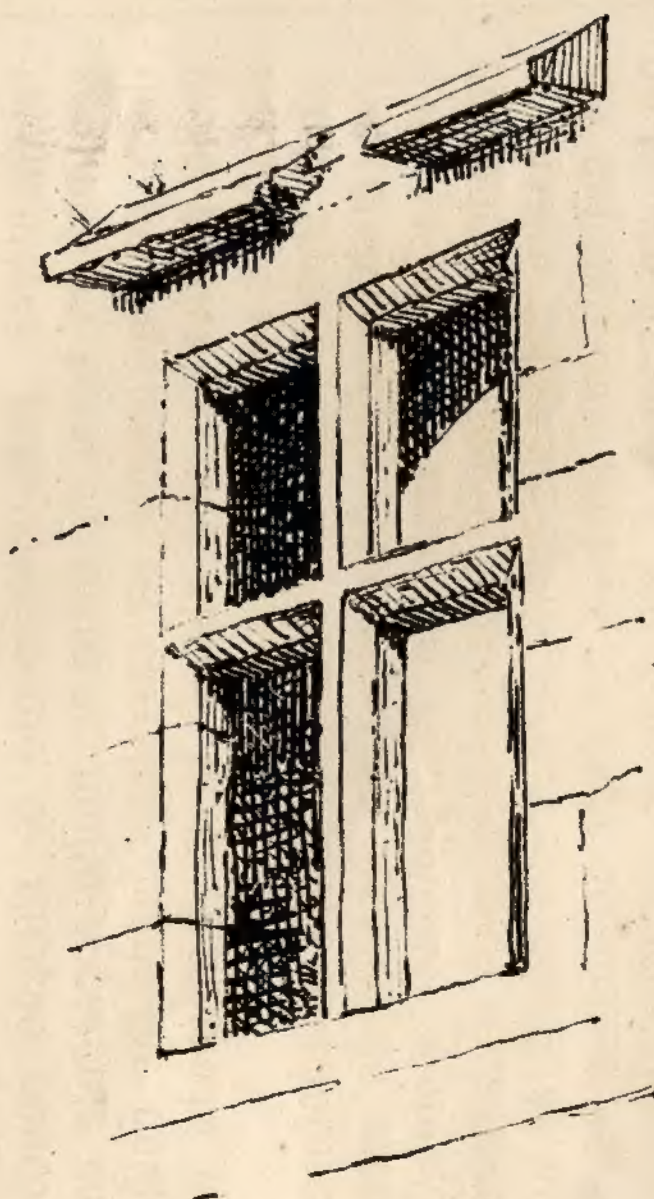
A tigela partida — Quadro da Silva Porto e desenho de Custodio da Rocha

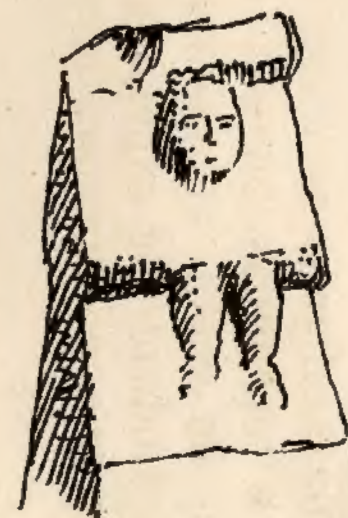














Antiguidades de Guimarães e Vizella — Croquis de Soares dos Reis

A ARTE PORTUGUEZA

A *Arte Portugueza* publica-se mensalmente, formando cada numero um fasciculo de 12 paginas in-folio, sendo 4 de desenhos originaes.

PREÇO DA ASSIGNATURA

Anno.	1$200 réis
Semestre.	600 »
Trimestre	300 »

Para fóra do Porto não se tomam assignaturas senão pagas adiantadamente.

São nossos correspondentes: Em Lisboa o snr. A. de Sousa Pinto, rua dos Correeiros, 140.—Em Braga, Livraria Popular, rua de S. Marcos, 2:—Na Figueira, o snr. Manoel Pinto Duarte.
Assigna-se em todas as livrarias do Porto.

Por motivo de doença do snr. Francisco Aguiar dos Santos, acha-se encarregado da direcção administrativa da *Arte Portugueza*, o snr. Adelino da Costa Leal, devendo por isso a correspondencia ser-lhe dirigida para a rua dos Inglezes, n.º 63.

PLUTARCHO PORTUGUEZ

COLLECÇÃO DE RETRATOS E BIOGRAPHIAS DOS PRINCIPAES VULTOS DA CIVILISAÇÃO PORTUGUEZA

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

EM PORTUGAL	— Anno	2$400
	Numero avulso	300
NO BRAZIL	— Anno	7$200
	Numero avulso	900

Está publicado o 1.º anno.
Assigna-se no PORTO em todas as livrarias e em casa dos EDITORES, RUA DO ALMADA, ANTIGA CASA FRITZ, para onde deve ser dirigida toda a correspondencia.

EXPEDIENTE

Rogamos aos snrs. assignantes da provincia o obsequio de mandarem satisfazer o 2.º trimestre, visto que o 1.º terminou com o n.º 3.

Aos mesmos snrs. que estão em debito, pedimos o favor de mandar pagar, por meio de estampilhas ou vales do correio, para regularidade da escripturação e para não soffrerem demora na entrega.

Os snrs. assignantes que deixarem de receber qualquer fasciculo, terão a bondade de reclamal-o do respectivo administrador.

O 2.º trimestre terminou com o n.º 6